

O PROFESSOR UNIVERSITÁRIO COMO EDUCADOR

Paulo Freire

Célebre educador e pensador brasileiro. Autor de diversas obras sobre educação, como *Educação como prática da liberdade* (1967), *Pedagogia do oprimido* (1968) e *Pedagogia da esperança* (1992).

NO MOMENTO EM QUE O HOMEM, DISCERNINDO O TEMPO, CONSEGUIU “atravessá-lo”, jogando para um passado até então incorporado a seu presente quase eterno grande parte das forças mágicas, atuantes, que o comandavam, deu ele um passo decisivo na história da cultura. Iniciou-se aí, em termos de ensaios tímidos, a sua individualização. E enraizou-se nesta a sua atividade docente.

Essa atividade docente, de que jamais se afastou, é um dado de sua própria existência. Ela está essencialmente ligada à sua qualidade espiritual, que o faz um ser capaz de discernir e transcender. Que o faz capaz de relações com o seu mundo, e de que decorre o acrescentamento que lhe traz.

É esse acrescentamento, manifestação de seu espírito criador, de sua possibilidade de inventar e reinventar, o que o leva a projetar-se num domínio exclusivamente seu – o da História e o da Cultura.

Aí é que ele se distingue precisamente do outro animal, que na verdade nada acrescenta a seu mundo. É que o outro animal “está apenas no mundo”, e não “com o mundo”.

Daí que os seus contatos com o mundo não sejam propriamente *relações*, que implicam incorporações conscientes, respostas plúrais. Integração e não apenas acomodação ou simples ajustamento.

Não importa aqui discutirmos as variações que no tempo e no espaço, a partir daqueles ensaios primitivos da atividade docente, tenha ela apresentado. O que nos importa nestas considerações

preliminares é sublinhar a atitude puramente humana dessa atividade. É o seu empenho em preservar e transmitir a experiência criadora do homem – seu acrescentamento ao mundo. Na medida, porém, em que essa experiência criadora do homem é transmitida sistematicamente, deve esse esforço de transmissão, precisamente porque humano e, portanto, espiritual, ser também formador, e não simples e puramente informador ou catalogador.

Toda vez que a atividade docente se tem perdido em formalismo, tem ela comprometido a essência mesma da comunicação humana. Na verdade, a atividade docente há de ser, sob pena de trair a “abertura” ontológica do homem, eminentemente comunicativa. Se perde o sentido de comunicação e se reduz a comunicados¹, perde igualmente a atividade docente a significação formadora que a natureza humana lhe reclama. Contradiz a força espiritualmente criadora do homem, que o distingue totalmente do outro animal. A atividade docente que não comunique e que não seja em si mesma uma forma também criadora e recriadora tende a estagnar-se pela sua inautenticidade.

Pode parecer, a partir destas considerações, uma contradição o título do artigo que ensaiamos escrever. Na verdade, ao se falar de atividade docente, seja ela do professor universitário – o que é o nosso caso –, do médio ou do primário, estará implícita a sua ação educadora. Isso é o que se surpreende da análise da essência dessa atividade. Determinadas condições históricas, econômicas, ou culturais de modo geral, em tempos e espaços diversos, têm comprometido a essência formadora dessa atividade e a têm, por isso mesmo, reduzido a procedimentos agressivamente formais.

Essa e outras manifestações do agir humano não podem, por isso mesmo, ser vistas sem uma análise das condições consubstanciadas no clima cultural próprio em que se realizam. Daí a necessidade – a urgência mesma – da análise de algumas dessas condições culturais no hoje brasileiro, ao discutirmos o papel do professor universitário como educador.

1 “Sem diálogo, forma autêntica de ‘comunicação’, não há criticidade, fundamento da ‘integração’. É na comunicação que se exercita a própria criticidade (Jaspers). A comunicação que não venha da razão e não provoque razão é mero ‘comunicado’, imposto ou doado. É domesticação. Por isso é que a comunicação só é verdadeira quando há interação dos polos que se ‘simpatizam’ através do objeto da comunicação. Aí existe racionalidade e o homem não se domestica. Na compulsão, ditado – ou na simples doação –, inexistente a interação. Um dos polos se apropria do objeto da comunicação e, negando possibilidade ao outro para seu ‘tratamento’, deixa-o passivo e ‘acomodado’. Domesticado. No ‘ditado’ ou na doação de que resulta o comunicado – se estimula a irracionalidade. A acomodação. No diálogo, a racionalidade, com que o homem se humaniza” (FREIRE, 1961, p. 17).

Hoje, mais do que ontem, a sociedade brasileira reclama de seu professor universitário sua identificação com o educador.

O professor se faz educador autêntico na medida em que é fiel a seu tempo e a seu espaço. Sem essa fidelidade, mesmo bem-intencionado, compromete-se sua atividade formadora. É que não pode haver formação do educando se o conteúdo da formação não se identifica com o clima geral do contexto a que se aplica. Seria antes uma deformação.

Isso nos leva à discussão dos contrastes entre valores de certa cultura e valores essencialmente humanos – universais. Como toda antinomia educativa, essa não é inconciliável. Não se verificou essa conciliação com o transplante feito pelos jesuítas, de uma educação que, na Europa, respondia aos desafios de uma sociedade pós-renascentista, para uma sociedade como a nossa de então, escravocrata, latifundiária, sem classe média, sem vida, sem vida urbana, sem diálogo.

Somos uma sociedade que, transitando aceleradamente de forma “fechada” para forma “aberta”, apresenta um jogo de contradições. Essas contradições se aprofundam na medida em que a sociedade brasileira, captando novos temas, equacionando problemas, tentando a sua solução, vai buscando a superação dos temas passados. Vivemos exatamente a passagem de uma época para outra. Assistimos, às vezes atônitos e ingênuos, ao choque de que participamos também, entre o “velho” que pretende preservar-se e o “novo” em luta por se afirmar. Daí a existência, no hoje da passagem, de algo que, estando *nela*, não é propriamente *dela*, e que, por isso, não se adéqua a seus temas, ao lado de algo que não está apenas na passagem, mas é *dela*, e que é, por isso, adequado a seus temas.

Essa adequação ou inadequação aos temas implica necessariamente uma integração ou uma não integração com os anseios naturais próprios da época. Uma posição orgânica ou uma inorgânica. Uma fidelidade ou uma infidelidade à época.

Uma das notas fundamentais da sociedade brasileira que transita é exatamente a democratização fundamental em que nos inserimos.

Com ela, a emersão do povo na vida política nacional. A tomada de consciência de nossos mais agudos problemas. Nela e ao lado dela, nossa desalienação cultural – a nossa ânsia de nos vermos a nós próprios, de nos conhecermos, de assumirmos o papel de “sujeito de nossos pensamentos”, a renúncia à posição de objeto.

E é exatamente essa democratização fundamental que, abrindo-se em leque, leva a sociedade que dela se nutre à democratização política, à social, à econômica e à cultural.



Reitoria da Universidade Federal de Pernambuco

Não há, porém, democratização fundamental que, instalando-se em sociedade fechada, ponto de partida de trânsito ou da passagem de uma época para outra, que não ponha em relevo posições inatuais pela sua inadequacidade com os novos anseios. Por outro lado, é a própria democratização, que se inicia em aprendizado, que exige a ênfase de uma educação para a criticidade. De uma educação para a responsabilidade social e política. O processo de democratização repele como inorgânica toda educação assistencializadora. Toda educação que não seja essencial e humildemente dialogal, pois somente esta, enraizando-se numa matriz racional e gerando razão, responde à essência da democratização. Não que o diálogo democrático, nascente da razão e gerador de razão, somente com o qual exercitamos a nossa capacidade decisória, deva converter-se numa forma antiespiritual de negação da fé. Diz Popper:

Minha insistência em que nós é que fazemos as decisões e carregamos a responsabilidade, que não deve ser tomada como implicando que não possamos ou não devemos ser auxiliados pela fé ou inspirados pela tradição ou pelos grandes exemplos (POPPER, 1959, p. 82).

Continua:

O que chamo de verdadeiro é o racionalismo de Sócrates. É a consciência das próprias limitações, a modéstia intelectual dos que sabem quantas vezes erram e quanto dependem dos outros, até para esse conhecimento (POPPER, 1959, p. 450).

O professor de quem a sociedade brasileira precisa no hoje de seu trânsito há de ser aquele que jamais traia a sua missão de educador da juventude. Há de ser aquele que jamais se deleite com sua “sabedoria”, às vezes inautenticamente livresca, apresentada em aulas que funcionam quase como se fossem cantigas de ninar. O seu papel há de ser outro. E não há tempo a perder numa opção a ser feita: ou se insere criticamente no trânsito de sua sociedade e se faz um mestre *do* momento ou permanece ingênuo, como professor *no* momento. Ou adere ao diálogo criador e comunica ou se minimiza como simples veículo de ingênuos e inoperantes comunicados. Ou se julga humildemente um companheiro de seu estudante, a quem ajuda a ajudar-se na busca de conhecimento, com quem também busca esse conhecimento, ou corre o risco de seu esvaziamento. Um professor no momento raramente sai do óbvio e se arrisca numa aventura intelectual. Teme o novo. Esclerosa-se em temas e estilos superados. Assusta-se com a rebeldia do jovem, em que vê sistematicamente a desordem. Sua insistência em viver apenas no momento sem se integrar nele e se fazer dele não o permite perceber os fundamentos dessa rebeldia. Rebeldia que antes devia aparecer-lhe como um desafio a exigir-lhe resposta adequada. Resposta formadora, resultante da análise da própria rebeldia, a ser feita por ele e seus alunos. No momento mesmo em que se iniciasse essa análise, começaria a conscientização do problema e se marcharia para a sua exata compreensão. Mais uma vez, caímos na única atitude para nós legítima do professor que seja um mestre *do* momento nacional: a do diálogo, a da criticidade. Seria talvez óbvio falar-se do perigo que corremos numa sociedade desalienada, por isso mesmo em busca de criações autênticas, de nos assustarmos com uma elaboração criadora que, rompendo a rotina, alimente uma sã “aventura do espírito”.

Um professor universitário que não corra esse risco, ou que se assuste com quem o corra, “está fadado a morrer de frio”, pois somente no exercício de sua atividade espiritualmente criadora e recriadora pode o homem aquecer-se e sobreviver intelectualmente. As universidades brasileiras cumprirão sua fundamental

missão na medida em que seus professores nos integremos às novas condições do país e nos tornemos na verdade o que devemos ser: educadores e não transmissores de comunicados.

Se cabe à universidade a formação de elites, estas têm de estar em consonância com o seu momento. Têm de ser formadas com a suficiente capacidade de crítica de que resulte a possibilidade de reconhecimento do que há de autêntico e inautêntico, de valor e desvalor, no jogo das contradições profundas que caracterizam a nossa atualidade. Não será então com a mera transferência de fórmulas passadas, com a insistência em doações intelectuais, que prepararemos uma juventude que é “do trânsito”. Mas com a formação de atitudes adequadas ao “otimismo crítico” de uma sociedade desalienada, de que decorre uma nota de esperança fundada no conhecimento crítico das situações dramaticamente problemáticas.

A formação e o exercício dessa atitude estão a exigir que se encontre no professor universitário o educador lúcido, responsável e humilde, de quem precisamos hoje mais do que nunca. Estão a exigir da universidade uma crescente e corajosa abertura a seu mundo para que se faça uma instituição autêntica de seu tempo. Para que, preocupando-se real e verdadeiramente com o universal, não se sinta em contradição ao se preocupar com o local regional. Não somos pessimistas quanto à generalização do professor-educador na universidade brasileira. Quanto à preponderância de professores “do trânsito”. A Universidade de Brasília é um testemunho.

A Revista Estudos Universitários, para que escrevemos este artigo, pela sua abertura ao diálogo, pela sua linha de integração ao novo clima cultural do país, pelas suas formulações, constitui, ao lado de outros exemplos, uma busca de autêntico em que se empenha a Universidade do Recife.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. Escola primária para o Brasil. *Revista brasileira de estudos pedagógicos*, Rio de Janeiro, v. 31, n. 82, 1961.

POPPER, Karl. *A sociedade democrática e seus inimigos*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1959.

